



Prólogo do Livro “O Senhor das Sombras”

Thrall mantinha-se escondido, apavorado. Os olhos vermelhos estavam arregalados e seu coração batia forte e rápido, como tambores de guerra durante a investida. Sua alma, porém, não havia sido forjada para a batalha, apesar de sua pele verde e seus dentes de javali, uma herança da raça orc, seus olhos tinham visto pouco da brutalidade do mundo.

A ponte acima dele, construída por suas próprias mãos, deixava escorrer o líquido vermelho e viscoso por suas frestas: Sangue inocente. Enquanto observava aquilo, horrorizado, Thrall tentava escutar. Tinha a esperança que os inimigos tivessem partido.

Esse deveria ser somente mais um dia normal... Ficar sentado à beira de sua ponte. Cobrar uma peça de cobre para quem quisesse atravessá-la. Mostrar a carta do rei Baeron IV àqueles que não acreditassem que ele próprio construía a ponte e que tinha plena permissão para cobrar pela passagem.

O cheiro das rosas estava mais forte naquela manhã. Avistara duas carroças distantes e tivera um bom pressentimento. Quando se aproximaram, sorriu. Era Adam, um amigo próximo do Lorde daquelas terras. Ele vinha à frente de um grupo de agricultores: Onze homens, quatro mulheres e uma criança.

Antes mesmo que Thrall falasse algo ao amigo, um homem, surgiu do ar, como se oculto por magia e perguntou se o viajante era Adam Sigried. O amigo do Lorde estranhou ser chamado por aquele sobrenome, mas sua face deixou transparecer que se tratava dele mesmo, mas antes que o estranho fizesse qualquer movimento, Adam atacou.

O homem revidou ferozmente, seguido de outros que também surgiram do nada, rompendo a magia que os escondia. O pacato orc pulou no rio e agora estava ali, escondido e orando aos deuses que o inimigo o houvesse esquecido.

Os gritos de desespero dos inocentes já haviam cessado, mesmo assim ele permanecia escondido. Estava em choque, não conseguia raciocinar. Olhou para o chão, tentando pensar em algo, deduziu que já estava próximo das três horas. O cheiro de rosas aumentou. Tomou coragem e quando decidiu finalmente deixar seu refúgio, algo aconteceu.

Uma forte luz branca atravessou as frestas da ponte. O medo sumiu. Thrall subiu pelo barranco e, sem hesitar, olhou em sua volta, esperando ver um cenário de tragédia. Os corpos estavam largados no chão. Homens, mulheres, crianças e até os animais, todos haviam sido mortos.

De pé, no centro deles, uma mulher de trajes brancos mantinha-se de costas. Sangue vertia de seus pulsos, caindo sobre a ponte. Ela mantinha os braços esticados e a cabeça inclinada para cima. A luz branca vinha dela e cada gota de sangue que caía sobre a madeira se transformava em um brilho de luz, juntando-se a ela em seguida.

O orc não encontrou palavras. Sentiu os olhos lacrimejarem e as pernas falharem, fazendo com que ajoelhasse. Não sabia ao certo o que acontecia. Não fazia idéia do que sentia naquele momento. Tinha somente a estranha certeza de que tudo ficaria bem.

A luz tornou-se mais intensa, cegando-o. Depois baixou de intensidade e mudou de cor, tornando-se azul, e a mulher baixou os braços para cair inconsciente.

Thrall levantou-se e ameaçou correr, mas cessou seu movimento, pasmo. Com seus olhos vermelhos, observou incrédulo, que as pessoas começavam a se mexer, como se estivessem acordando de um sono profundo.

Cauteloso, caminhou entre eles, observando com atenção cada gesto daquelas pessoas. Os ferimentos haviam sumido e todos, por mais inacreditável que fosse, pareciam estar bem. O orc então parou sobre Adam e o segurou pelos ombros, chamando-o.

O amigo do Lorde era um homem de porte nobre. Tinha longos cabelos negros e um rosto liso, olhos estreitos e sobrancelhas grossas. Usava um corselete de couro simples e tinha no pescoço sua inseparável capa vermelha. Amigo íntimo de Erik Rayner, dono daquelas terras, era respeitado como um nobre. Ambos eram muito reservados, dos quais o passado era desconhecido pela maioria das pessoas. Sabia-se somente que eram mestres na arte da esgrima e inquestionavelmente justos.

Thrall o sacudiu novamente e desta vez o homem abriu os olhos, confuso.

– Tudo bem? – ele não tinha certeza se a pergunta fazia sentido. Afinal, há poucos instantes, o guerreiro parecia estar morto.

– O que houve? Onde estão? – Adam tentou formular uma pergunta.

O orc apontou à sua volta.

– Muitos homens saíram do nada e atacaram todo mundo. Depois foram embora.

Adam levantou-se com o auxílio do amigo e observou as pessoas que acordavam aos poucos, preguiçosas. Não tinham ferimento algum. Procurou pelo corte no peito, que o derrubara. O corselete de couro estava rasgado. Nele, porém, não havia uma cicatriz sequer.

– O que houve? – perguntou uma camponesa.

– Por que estamos dormindo? – Outro homem se levantava.

– Magia. – concluiu o outro. – Devem ter lançado alguma magia sobre nós.

– Vocês foram... – Thrall teria contado a verdade, não fosse pela mão de Adam em seu ombro.

– Eles não se lembram. – sussurrou o cavaleiro, depois falou a todos: – Acalmem-se. Nós fomos vítimas de magia, mas o nosso amigo orc me acordou a tempo e eu pude afugentar os ladrões.

Os agricultores receberam bem a explicação. A criança, uma menina de seis anos, perguntou interessada:

– Quem é esta mulher?

– Ela os ajudou... – estranhou Thrall. – Ela não está com vocês?

Adam encarou-o, pensou rapidamente e declarou, enquanto abaixava-se para verificar se a jovem estava ferida:

– É uma maga. A contratei para andar invisível ao meu lado. Ela deveria evitar que esse tipo de coisa aconteça.

– Ela está bem? – perguntou o orc, preocupado.

– Sim. Está dormindo – respondeu, erguendo-a no colo. – E não parece que vai acordar...

– Pelo jeito ela não é boa no que faz. – comentou um dos homens.

– Fomos pegos de surpresa – retrucou Adam, distraído. – Vamos levá-la para o Forte Rayner.

* * *

Erik checava o trabalho de seus empregados quando Adam entrou pelos portões com uma mulher nos braços. O Lorde era um homem forte, com o porte de um guerreiro. Alto, de músculos trabalhados, cabelos negros, curtos, e barba por fazer.

Não tardou em correr até o amigo e, vendo a armadura rasgada e a mulher inconciente, perguntou:

– O que houve?

– Nem eu sei direito. Espero que ela possa responder.

Erik seguiu-o até as acomodações dos hóspedes. Adam colocou a mulher na cama e a estudou.

– Aisha. – disse Erik, apontando para o símbolo no pescoço da jovem: uma cruz de lados com medidas iguais, com uma rosa no centro.

– Uma sacerdotisa de Aisha... – comentou Adam, perplexo. – Acredito que ela me tirou dos braços de Amupherus... Não só a mim, mas também uma dúzia de pessoas. E eles não se lembram de nada do que aconteceu.

Erik o encarou apreensivo.

– Não é a primeira vez que você escapa de Amupherus. Você identificou os atacantes?

Adam tirou o corselete de couro, rasgado por golpes de espadas, e atirou-o ao chão.

– Soldados de Elite de Ars Nibul. Haviam se ocultado de nossos olhos com magia e nos emboscaram na ponte – disse com um ódio antigo na voz. – Usaram as pessoas como vantagem para me... – Franziu as sobrancelhas. – Para me matar. Malditos servos de Enelock! E esses sequer eram mortos vivos.

– Era de se esperar... Você será uma ameaça a eles enquanto respirar, meu amigo. Quanto a serem, ou não, mortos vivos, você sabe bem que muitos estão dispostos a qualquer coisa para adquirir imortalidade...

– Eu seria uma ameaça há três séculos. Hoje não sou nada. – Adam encarou o chão. – Não entendo porque não desistem.

– Eles não desistem porque você ainda não desistiu. – afirmou Erik, colocando a mão sobre seu ombro.

– Venha, deixe-a descansar. – completou. – Quero que me conte com detalhes o que aconteceu. Se te encontraram novamente, então é hora de partir mais uma vez.

Adam esperou o amigo deixar o quarto. Ficou parado por um tempo, observando a jovem sacerdotisa. Estava intrigado e confuso. O forte cheiro de rosas, que havia sentido na ponte pouco antes do ataque, persistia ali. Parecia emanar dela.

– Obrigado por deixar que eu prossiga com minha jornada. – agradeceu enquanto fechava a porta, abandonando o aposento.

A mulher permaneceu ali. O cabelo curto, na altura do queixo, tinha mechas avermelhadas. As bochechas, redondas e coradas, deixavam sua boca pequena. O rosto era delicado e jovial e sua testa ostentava uma pequena ametista que parecia emitir uma fraca luz violeta. A moça se moveu e, sonolenta, sussurrou:

– Não era sua hora... Filho de Oberil.